

# Governo avalia êxitos em 81

por Pedro Cafardo  
de São Paulo

Pouco mais de dois meses antes do final do ano, as autoridades da área econômica estão convencidas de que o País conseguiu atingir os três grandes objetivos propostos para o exercício: reduzir a inflação e a dependência externa do petróleo e obter um superávit na balança comercial. O secretário geral do Ministério da Fazenda, Carlos Viacava, disse ontem a este jornal que, embora a coletividade esteja pagando um preço grande, esses resultados indicam que "foi feito um trabalho sério" para equilibrar o balanço de pagamentos.

Segundo Viacava, como resultado desse trabalho, se- rá possível diminuir significativamente o déficit das transações correntes de bens e serviços do balanço de pagamentos. Ele estima o déficit entre US\$ 11 e US\$ 11,5 bilhões, mais de US\$ 1 bilhão a menos do que no ano passado. Esse desempenho, de fato, teria maior significado devido às condições do mercado financeiro internacional. O impacto da alta dos juros, pelos cálculos de Viacava, deve onerar em cerca de US\$ 3,5 bilhões os dispêndios do País.

Nas avaliações oficiais, destaque especial é atribuído ao desempenho do setor exportador de manufaturados, cujo esforço foi suficiente para compensar a frustração na receita de produtos primários. Viaca-va calcula, por exemplo,



Carlos Viacava

que as exportações de café deverão render menos de US\$ 2 bilhões e que, no total, a perda de receita na área de primários ficará entre US\$ 1,5 bilhão e US\$ 2 bilhões. Apesar disso, num ano em que o comércio mundial cresceu apenas cerca de 2%, as exportações brasileiras aumentam a um ritmo de 18%, com uma taxa de 30% na área de manufaturados.

## "REPETIR A DOSE"

A expectativa do governo, segundo Carlos Viacava, é de que seja possível não apenas "repetir a dose", mas conseguir um superávit comercial ainda mais significativo em 1982. "Para que isso aconteça temos ainda duas dúvidas: os juros internacionais e a chuva", disse Viacava. Ele teme fazer qualquer previsão sobre o comportamento dos juros, embora explique que

a manutenção da atual tendência de baixa beneficiaria muito a exportação de "commodities", cujas cotas sobem ou descem numa relação inversa à variação do custo do dinheiro.

Da meteorologia, pelos cálculos do secretário geral do Ministério da Fazenda, depende um resultado da ordem de US\$ 2,0 a 2,5 bilhões em 1982. Se chover nas horas certas, esse saldo será favorável porque haverá excedente para a exportação. Caso contrário, perder-se-á pela redução do volume exportável e pela possível importação de alguns produtos agrícolas básicos, como ocorreu em 1980.

## PREÇOS

Não será possível repetir em 1982 a mesma expansão da produção agrícola esperada para este ano, de até 10%, porque haverá uma queda acentuada na safra de café, decorrência da geada de 1980. De qualquer forma, Viacava acredita que uma boa safra de alimentos vai ter importância fundamental na manutenção da tendência declinante dos preços. No mesmo sentido, acrescenta, seria a influência de uma possível mudança na política salarial.

A atual política salarial, segundo Viacava, "é inflacionária", principalmente no que se refere ao governo. "No setor privado seus efeitos são compensados pela lei de mercado, mas o setor público não tem essa flexibilidade."

Viacava acredita, entretanto, que a própria queda da inflação terá reflexos na receita orçamentária do governo, setor em que prevê "imensas dificuldades" no ano que vem. O governo não tem, afirma, muita margem de manobra para ampliar sua receita. A taxação maior de ganhos de capital, medida proposta pela "Carta do IBRE" da Fundação Getúlio Vargas, por exemplo, "seria algo muito delicado, porque o governo não pretende inibir os poupadões".